

# Quartos...

(quatro monólogos sem título sobre solidão)

de

Gil Vicente Tavares

Salvador, 12 de fevereiro de 1998

Personagens:

Mulher 1

Homem 1

Mulher 2

Homem 2

*Embaixo dela, os esgotos;  
Nela mesmo, não tem nada;  
Em cima dela, fumaça.  
Nela nós vivemos, rotos,  
A nossa vida frustrada,  
Uma passagem violenta.  
E a cidade também, lenta,  
E a cidade também passa.  
(Bertold Brecht)*

MONÓLOGO 1 (SEM TÍTULO)

MULHER 1-Certa noite... bem, de manhã para mim era o melhor horário pra chorar. Acordava e ia direto pro banheiro, deixando pelo caminho uma leve música de fundo. A maioria das vezes era Tchaikovski(*Pausa*). Claro que eu não aprendi a ouvir música sozinha, seria um ato tortuoso. Aprender a ouvir música clássica... aposto que você nunca prestou atenção em Tchaikovski, nunca ouviu nada além do que os outros quisessem. Com certeza não. Aposto que nem está me ouvindo direito agora. O que foi que eu disse? Você nem sabe quem é Tchaikovski. E olha que ele era viado, a classe mais divulgada por aqui. Se ele nascesse hoje seria homem, talvez. E com certeza não seria gênio. Pelo menos pra você e sua corja. (*Pausa*). Sim, por quê eu chorava? E precisa dar motivo? Não, o único motivo que você imaginaria para meu choro seria o amor. (*Pausa*). E foi. Mas naquela noite... pois é, o choro. Ser largada às vésperas do aniversário de sete anos... superstição, não, deixei de acreditar em tudo depois de Pessoa. Aliás, passei a acreditar mais em tudo. Talvez tenha sido esse o problema. (*Pausa*). A mania de deixar o chuveiro ligado. Nem me permitia chorar mais pela manhã. Não tinha tempo. Nos últimos meses, esperar horas pelo fim de um banho enquanto era esquecida na cozinha fazendo café, era a rotina de uma relação nada harmoniosa. (*Pausa*). O problema era que nunca se esgotava a questão de um limite. Sempre o outro dia era pior. Ficar esperando na sala o telefonema que nunca chegava, e ser acordada às três da manhã com a porta batendo. Nunca deixar o som ligado. (*Pausa*). Você já percebeu que eu só falo de mim? Você não sabe de nada também. Adiantaria dizer que no dia que eu li Pessoa, a exclamação que eu ouvi foi: “Leia Nietzsche”. Não, não, talvez se eu falasse de um ator de novela, da cantora da moda, da peça que eu mais ri... morder a maçã... a certeza do bicho... quem aceitaria comer a outra metade? Cuspir agora é arte? Tive quem me ensinasse que não. (*Pausa. Ri*). Que não se pode amar. Pelo menos duas vezes, duas horas, duas mulheres!?! (*Pausa*). Cuspiria na cara de todos os homens. O único prazer que eu tinha era me trancar no banheiro e ouvir Tchaikovski. Ele tinha tirado a chave, “o som estava muito alto”, e... bem, cuspiria de novo, na cara de todos homens, o grito que eu guardei só pra um. Porra, guardei só pra um. Será que valeu a pena? Tudo vale a pena quando a alma não é pequena... pro caralho! Alma é a puta que te pariu! Só vale a pena ser feliz. Eu aprendi assim. Até o dia em que o mestre virou as costas e me deixou sozinha, procurando a felicidade. Se eu encontrei? (*Pausa*). Foi naquela noite... encontrar meus discos espalhados e um bilhete de “não encontrei Debussy” era quase todo dia. Quando eu ia explicar, só ouvia um “tenho a impressão de que deixei no carro”. Porra de impressionismo de merda! (*Pausa*). Desculpe, não fica bem uma mulher da minha idade estar se exaltando desta maneira. É que... é que... deixa pra lá. Você deve estar sem graça. Mas cá entre nós, romantismo é lavar cueca. Nunca acreditei em nada além de mim. a prova disso foi meu sonho. Era meu? Não era. Se fosse, a esta hora estaria num aeroporto. Indo pra onde? Com certeza não muito longe, teria medo de me encontrar de novo. Ali adiante, poderia me esbarrar em outro sonho. Melhor mesmo é ficar em casa. (*Pausa*). Ouvir música? Primeiro tive que me acostumar. Meu ouvido de merda achava tudo aquilo um cocô. Nós sempre esperamos dos outros o que a gente quer ouvir. Dói fundo tudo aquilo que não era pra ser dito. Não era pra ser dito!?! (*Pausa*). Não devo dizer hoje tudo o que a vida me gritou? Poderia ser mais sutil. A vida, não eu. Me gritar todo dia larga esses livros, vai pra rua e sai correndo, se joga no mar e tire a roupa. Sem a loucura, que é o homem? Tentava então, como única saída, ser sábia e selvagem. Fora louco esperar.

Tarde demais descobri que só eu dependo de mim. Gritar com o espelho não adiantava nada. Era preciso silêncio. No outro quarto, só o aquário me interessava. O peixe ainda não tinha comido, e só eu dependia de mim. Que culpa haveria no peixe, em ser aprisionado numa redoma de vidro? Eu quis. Talvez não soubesse, e gritar não adiantava, não conseguiria ouvir nada além do barulho da água caindo e a música tocando, cada vez mais forte, com a subida da orquestra, os tambores...! (*Pausa*). Mais uma vez, desligado o som. “Muito tempo no banheiro”. Eu não podia. Agora era fazer o café e esperar a eternidade de um banho, que só eu não tinha direito. Uma ducha de água fria (*Ri*). Só me restava o trocadilho e uns biscoitos na geladeira. “Sem tempo pro café”, qua, qua, qua. Nem um suquinho? (*Pausa*). Foi estranho no dia em que ele me jogou na mesa, por cima da comida, assim como era estranho o modo como ele chupava meus seios. Faltava-lhe delicadeza e eu gostava. Sensibilidade não. Tinha de sobra. Foi o que me conquistou de primeira. De primeira... dei de primeira sim. Se prejudicou a relação? Acho que não, hoje eu ouço Tchaikovski. (*Pausa*). Você deve ter uma relação muito boa com seu parceiro!? Até agora não disse nada, só fez dar umas leves risadas. Qua, qua, qua. Uma relação muito boa, ou talvez nenhuma relação. Melhor? Até hoje eu procuro o melhor, e cada vez mais me convenço que melhor mesmo é ficar calada, no alto do monte, sem comer, sem trepar, só olhando serena, a vida passar no meio da rua, no meio da gente... tá um estágio que eu não alcançaria! seria impossível pra mim. Os poetas não precisaram ir tão longe para ver nossos problemas, se é que o temos. Se sou otimista? Com certeza não sou poeta. Uma mulher que... naquela noite... (*Ri*). Bem, que diferença faz? Prefiro habitar a cabeça de poucos, do que os testículos de muitos. É questão de preferência. Têm uns que preferem pensar, outros foder, outros, ganhar dinheiro. São todos ofícios difíceis. Todos nós temos que cumpri-los. Geralmente esquecemos de algum. (*Pausa*). Pior do que esquecer é ser esquecida. É muito mais confortável a dor do outro. Claro, é por isso que nós amamos. Foi a gota d’água esquecer os sete anos, e ainda receber o grito de “contenção de despesas”. Cerveja só na rua, não é? (*Pausa*). O mais engraçado, é que parecia que o sofrimento era só meu. Não conseguia ser fria e terminava como “a chata”. Quem terminou tudo? (*Pausa*). Seria à noite... a camisola preta, a mais sensual, não servia mais nem como pano de chão. A casa era limpíssima. Só saía do meu quarto pra rua. No outro quarto era o silêncio e o barulho das teclas de vez em quando. O resto era apenas falta de música. Eu esperava a qualquer momento a entrada dos violinos, uma melodia suave, mas tosse de três horas de chuveiro me fazia ir na farmácia. Eu indicava café. “Cafeína faz mal”. Também, não indicava mais nada. A indicação de Nietzsche me bastava. Não perguntara mais nada desde então. Lembra? Nietzsche? Esquece. Se lembra ou não lembra, é problema seu. Eu, particularmente, nunca li nada sobre anjos. Literatura moderna? Já ouvi falar sobre isso num livro de história. Nada novo sob o sol, a não ser meu peixinho. Ele tinha um nome. Quixote. (*Ri*). Foi a única novidade nesses anos todos. E eu doida pra estar em seu lugar. Do aquário a gente vê as coisas maiores. Efeito do vidro. Já tinha entrado demais quando percebi que no fundo, a saída dava para o boxe do banheiro. (*Pausa*). Foi num dia de viagem. Tinha o banheiro só pra mim. Havia aposentado Tchaikovski durante um bom tempo, e do jeito que eu estava, sem saber se alegre ou triste, dei um tempo a ele e a mim, e tapando os ouvidos comecei a cantar... Cantava com tristeza, a primeira melodia que me vinha na cabeça. Tchaikovski? Não, o tema de uma novela. (*Pausa*). Suicídio? Para mim, tudo no céu era estúpido, e com certeza eu não seria um anjo. Dizem que anjo não tem sexo, e depois de tudo que eu passei, não podia mais deixar de ser mulher. Não tive filhos e criei fantasias. Fui normal até certo ponto. “Barulho na casa? De jeito nenhum”. Eu estava

criando nada mais do que uma criança invejosa. “Sujeira pra tudo que era lado”. E o sonho? Se não pertencia a mim, era pelo menos uma parte do meu útero. Meu corpo não pensava, não pensa. Acho que é por isso que eu abria as pernas. Fazer amor? A viagem já tinha acabado, e o pó de café também. Tossia de novo. Não era só o banho. O cigarro ajudava, “aproveita e passa na farmácia”. *(Pausa)*. Era bonito o neon da farmácia. Lembrava os filmes. E todo mundo a passar por mim. Estranho era mesmo um velhinho, que sentado num banco, lia sempre o mesmo jornal. Se achava livre e não me dava bom dia. Liberdade era o neon da farmácia. Belo nome. Belo e estranho. Tinha acabado de faltar água em casa. Cheguei sem o café e encontrei apenas um bilhete “de noite a gente conversa”. *(Pausa)*. Tinha esperado a água ferver, mas por ser naquela noite... “Banho quente no verão era gasto de energia”. Eu gritava e ninguém ouvia. Metia a cabeça no aquário, e Quixote me dava um sorriso. O único bicho que não mais me sorria era o homem. *(Pausa)*. O sol essa época do ano era de lascar. Abria todas as janelas que não davam pra lugar nenhum. “O prédio da frente”. *(Ri)*. Você não quis mesmo falar, heim? É bem mais fácil assim, ficar em silêncio e empurrar com a barriga. Grito, só no parto. Talvez me sentisse bastante mulher. Pra quê? Queria apenas me sentir sozinha, e para isso só precisava fechar os olhos e abrir as janelas. Ou quem sabe talvez o contrário. Com as janelas fechadas eu via muito mais. Era só ligar o som. Via cada vez mais minha solidão. *(Pausa)*. Foi naquela noite que... bem, ficar sozinha era estado de espírito. Ligava pra minha melhor amiga e ficava horas no telefone. Sempre ocupado. Aquele sonzinho do telefone sempre igual me lembrava Ravel. Depois arrumava os livros na estante. Trabalho? Tentava pela segunda vez terminar meu mestrado. Em quê? Talvez a solução fosse pegar um ônibus e ir na casa dela. Fui correndo, nem tive tempo de tomar banho. Talvez eu não quisesse. O ônibus chegou num susto, pela porta do fundo “se mudou”. A última notícia era um “adeus”. Descia as escadas, queria chorar mais já era tarde. Talvez no chuveiro, numa viagem. Se eu gostava de ficar só? *(Pausa)*. Resolvi voltar à pé, no primeiro telefone público me encostei e liguei pra casa, ninguém atendia. Sozinha outra vez. Que bom. Perto de casa, lembrei do cinema que havia fechado. Fui até lá? Não fui. Era tarde demais. minha amiga havia se mudado. Amiga? Naquele dia aprendi o resto de mim. Pelo menos na esquina. A noite se escondia atrás do neon da farmácia, e era sempre mais difícil esquecer a Liberdade. *(Pausa)*. Pois de noite... a luz fraca da manhã permitia ao menos que eu visse o aquário. O ronco e a tosse, outro banho. Tentava ser diferente, era melhor assim. Pelo menos mudar a tristeza de lugar. Chorava na cama ao som das notícias do jornal... O ano novo estava perto e mais uma vez minha mãe morria dentro de mim. O cinema reabriria daqui a dois meses, e o peixe precisava comer. Naquele dia não haveria café, pelo menos até eu me levantar. “Minha toalha”. Só eu dependia de mim, e o resto eu engoliria à seco. O dia estava quente para um café, e ele suave como nunca. *(Pausa)*. Você gosta de música? Antes de nós, os passarinhos, antes de tudo, a explosão. Porra! Meu café, e a porta batia-se atrás de mim. *(Pausa)*. Meu pai criava passarinhos, e foi assim que eu aprendi... imitava-os... depois tudo que meu pai disse foi pro espaço. Pra uma estrela bem linda, daquelas que não se podia nem se pode ver por aqui. *(Pausa)*. Aposto que você não costuma olhar as estrelas!? O prédio da frente? Que nada, minha janela dá pro mundo todo, eu é que não enxergo. Pelo menos aprendi a não enxergar. Ver o que então? Tudo o que eu não fui!? O mundo é do tamanho do meu quarto, e “leia Nietzsche” já não adiantava nada. O homem nunca voaria. Se voasse, virava música, até que o outro desligasse o som. *(Pausa)*. Ele chegava às três horas, e eu tinha que estar dormindo. De manhã pra ele um “bom dia” resolvia, e eu tinha que estar dormindo. No café, novas notícias, e eu tinha que estar dormindo. Naquele dia ele

não sairia, ficaria em casa, e eu resolvi que não podia mais dormir. Era o dia do café e quem sabe algum beijo. Eu queria falar com ele quando o telefone tocou. Eu queria chorar quando ele me tocou. “Não vai atender?”. Sua mão forte, apertava meu ombro e ontem à noite tinha sido ótimo. Mais café? “Não”, e eu esquecia de sua mão forte, engolia o choro. Alô?! Era engano, chovia lá fora. Eu chamava pra conversar, “um momento”. Eu dizia que era rápido, “só a última frase”. Ele escrevia um livro e eu queria falar de minha vida. (*Pausa*). Tinha deixado a janela aberta, a chuva batia de leve no meu corpo e eu esquecia o calor da noite. Era só olhar pro lado. “Nunca mais como carne de noite” e um arrote. Acabava sempre assim, quando não era briga. Quixote se agitava dentro do aquário e eu só queria estar no chuveiro. Lá de casa não se via a farmácia, mas parecia que o neon estava quebrado. Cheguei lá e vi tudo escuro. Esqueci que era domingo. O velhinho também esquecer e debaixo de chuva lia o jornal. Não podendo ouvir Tchaikovski, preferi escutar a chuva. Olhava o neon desligado. o cinema reabriria daqui a dois meses, e eu nunca mais tinha saído. Lembrei de meu pai. Ele botava os passarinhos todos pra fora quando chovia de dia, e os recolhia se fosse à noite. “Lugar de passarinho à noite, é juntinho de mim...” e me abraçava. Engraçado, por um instante achei o velhinho parecido com meu pai, e foi o suficiente pro resto da noite. Tinha que ir embora e perguntei que horas eram, ele apenas me disse “feliz natal”. (*Chora. Pausa*). Se eu entendia o porque dele ser assim? Um homem culto... o som estava quebrado e não derramaria mais nenhuma lágrima, pelo menos até que o som voltasse. Ele sabia disso. Me acordou domingo ao som de Debussy, seria demais um Tchaikovski. Era o último dia do ano, e tudo parecia ser diferente. Naquela noite... naquela noite botei meu vestido branco, o mais caro do guarda-roupa. Não tinha superstições, mas as convicções me bastavam. Minha religião sempre fôra a música, mas o silêncio empurrado goela abaixo me fez entender melhor a vida. Em silêncio estava, em silêncio fiquei. Fui até a porta, por um momento fechei os olhos e abri os braços, nunca mais voltaria àquela casa. Botei Quixote num saco plástico e deixei o que não me faltava no banho. Fui até a farmácia procurar o velho e lá estava ele. Sentei ao seu lado ainda em silêncio, e ele me balbuciou “vou embora, o cinema não vai abrir nunca mais”. Me mostrou sua saudade e o jornal, levantou e eu precisava ir. (*Pausa*). A conversa deve estar chata, não é? Ouvir o absurdo de minha vida deve lembrar a sua. Tudo bem, nada tenho mais pra falar, minha história termina por aí, e a sua? Não precisa dizer, tenho certeza que o homem nunca vai voar. Sei que Tchaikovski é ultrapassado, e amar também. Quixote morreu num aquário novo, melhor assim. Morrer no aquário novo... (*ri*), acho que deixei o chuveiro ligado, vou aproveitar e tomar banho...

### CAIO PANO

Salvador, 26 de setembro de 1997

MONÓLOGO 2 (SEM TÍTULO)

Boa noite, vou apresentar para vocês o meu mais recente número de... não, fica parecendo circo. Bem, eh... não importa. Também não vou ficar me desgastando pra uma simples apresentação. *(Pausa)*. Os convidados... *(Pausa)*. Não importa se virão de casacos de pele, roupas caras e alinhadas. *(Pausa)*. Juro que não me importo. É sério. Nunca fui de muitas cerimônias. A primeira vez que tive a chance de encarar o público foi no colégio. Festa das Nações... me preparei todo, o maior cuidado do mundo! Eu ia representar a Espanha, terra natal de minha mãe. Ia ser o maior orgulho pra mim. Meu pai, claro, chegou atrasado pra me levar. Eu nem ligava mais. *(Pausa)*. O trabalho de meu pai era assim mesmo, não tinha hora pra acabar. Não sabia direito o que era não, só sei que ele viajava de duas em duas semanas - eu morria de vontade de ir - mas minha mãe não deixava. Dizia que era perigoso eu viajar naquela idade. Logo depois ela morreu. As Festas das Nações que tinham no meu colégio eram as melhores da cidade. Cidade do interior você sabe né? Tinha a maior disputa. Quem escolhia era o prefeito. Ele odiava meu pai. Ainda bem que não sabia quem eu era. Aliás ninguém sabia de quem eu era filho. Foi aí que eu viajei. Sem minha mãe, nada me prendia àquela cidade. Menos Adela. *(Pausa)*. Adela era filha de imigrantes espanhóis que nem eu, só que de pai e mãe. Meu pai era Turco, segundo dizia minha mãe, assim como deveriam ser os seus amigos. Minha mãe xingava ele de estúpido e seus amigos eram da mesma forma. Claro que não fui tratado bem. Também, dizia meu pai, toda criança na cidade grande é tratada mal, era costume, segundo ele. Eu vi que era verdade quando meu pai me colocou pra morar com uma mulher num desses prédios velhos perto do porto. Os meninos todos, parecia que os meninos todos da cidade dormiam naquela calçada. E na calçada eu fiquei, esperando meu pai, todo vestido de espanhol. Minha mãe chamando ele de estúpido e eu rasgando a roupa. Não estava com raiva, somente não prestaria mais pro próximo ano, e Adela já tinha visto. Tinha conhecido uma menina parecida com ela, só que não falava comigo. A senhora que me criou naquele porto imundo chamava aquilo de preconceito. Dizia que ela era preconceituosa e por isso não falava comigo. Era Linda, o nome da senhora. Ali gostava de sofrer. Parecia que todos seus amigos batiam nela à noite. Ela gritava tanto que eu não conseguia dormir. Por isso que pela manhã era um tapa de preguiçoso que anunciava a chegada de meu pai, quando ele ia, era claro. Ela me parecia meio burra, pois dizia sempre “Um dia eu vou sair daqui” e não saía. Era tão simples. Foi só minha mãe morrer que eu tinha ido parar naquele lugar com ela. Foi tão rápido. Ela botou sangue pela boca e foi parar no hospital. *(Pausa)*. Adela nem foi se despedir de mim. Foi tão rápido. Meu pai me pegou pelo braço e fomos embora. Ela só tinha me dito, antes da festa, que tinha gostado da minha roupa. Só isso. E as roupas de dona Linda eram parecidas com a minha. Quando ela voltava vestida e sem dinheiro meu pai também batia nela. “Só isso”. Minha mãe sempre sangrava mais. Acho que porque chamava ele de estúpido e ele não gostava. Dona Linda não, ficava calada enxugando sangue, suor e lágrimas do rosto. No dia que eu vi Adela... a menina estava olhando tudo que tinha acontecido... naquele dia eu entendi o que era preconceito. Ela realmente parecia com Adela, só que Adela era mais bonita. Se vestia mais bonito pra Festa das Nações. Eu sei que não tinha festa nenhuma das crianças do cais. Eu que tinha batizado assim. Na verdade tinha sido o jornal. Eu tinha lido no chão uma reportagem que dizia: “Meninos do cais são abandonados” e coisa e tal, e eu via abandono no rosto de todos os meninos que

não se olhavam naquele porto, e depois no único espelho da casa eu via que não estava sozinho. Dava pra janela, e eu olhava escondido a menina abandonada do prédio. Ela parecia com Adela, e parecia uma Adela abandonada pelo sorriso. *(Ri)*. Ficou engraçado, meninos do cais. Mundo, cais sobre mim. Tinha aprendido um pouco de português na escola, antes de vir pra cá. Aqui, eu larguei os estudos, não tinha escola mesmo. Meu pai é que dizia. *(Pausa)*. No cais eu não conversava com ninguém. Só depois de conhecer dona Juanita, uma cartomante, é que meus dias passaram a ser mais espanhóis. Ela vinha do Sul da Espanha e tinha um sotaque bem forte. Minha mãe brigava comigo porque eu queria a todo custo aprender a dançar igual ao ciganos, e dona Juanita me vendeu, pelo preço de alguma companhia e leite fresco, todos segredos da dança. Às vezes eu ficava sem graça de estar enganando a velha, porque no fundo ela também me fazia companhia, e leite fresco era fácil de conseguir, principalmente quando ela dava o dinheiro. Vez por outra, meu pai me dava algum dinheiro, e, veja quanto era, dava pra juntar e comprar o leite quando dona Juanita não tinha. Assim passaram-se alguns meses, ou anos, ou dias, não sabia muito bem, e os clientes de dona Juanita começaram a voltar. Eu ficava ensaiando os passos em casa, na esperança que a menina me visse e se transformasse em Adela, como na história que a cigana me contava. Um dia, a menina triste, que deveria ser feliz, por parecer com Adela, foi na cartomante. Nesse dia eu me escondi para ouvir a conversa. *(Pausa)*. A menina começou a dizer algo sobre visitas de um médico, doutor Luís, e veja, era o nome do único cliente que dona Juanita tinha. Depois a menina triste, agora triste não sei porque, tirou um pequeno maço de dinheiro do bolso, deu pra cigana e saiu. *(Pausa)*. Dona Linda quando soube dos meus ensaios com Donita - era como chamavam a cigana - me disse pra eu não contar de jeito nenhum a meu pai. Disse que ia me botar pra dançar no 69. Ah, eu não tinha lembrado do 69. Era o lugar que dona Linda ia encontrar com os amigos dela, antes de voltar pra casa. Eu tinha loucura pra ir lá. Estava chegando a minha chance. Eu ia encontrar com Adela na Festa das Nações e dançar pra ela alguns passos. Naquele dia Adela estava linda, tão linda que eu não queria vê-la mais de outro jeito. E foi assim que aconteceu. Minha mãe estava morta e ela era rainha, daquelas que some em livro de contos de fada. Foi a única coisa que deu pra trazer escondido. Eu tinha roubado da escola e ninguém podia saber. Não sei também se aquilo era roubo, eu achava que quando eu ficasse grande, que o livro sumiria como as princesas e rainhas. *(Ri)*. Eu sempre fui muito tímido, não conseguia nem olhar direito pra Adela. Como seria agora frente àquele público, os raivosos amigos de dona Linda. Tinha que me preparar. Fui correndo avisar pra Donita, a cigana, e pareceu-me que ela não gostou muito. Disse pra eu ensaiar sozinho, pois o que ela tinha me ensinado era uma dança de respeito; e foi pra isso que eu ensaiei, pra mostrar pra todos uma dança de respeito. Boa noite, vou apresentar para vocês o meu mais recente número de... não, fica parecendo circo. Bem, eh... não importa. Também não ia ficar me desgastando pra uma simples apresentação. Só tinha que ser bonito. A roupa, dona Linda disse que arrumava, e nesse dia eu vi outra mulher, que não ela, em nossa casa. Era Valdinéia, uma mulher com aparência de homem, mãos fortes, como as de meu pai, e um grande nariz turco. Eram os turcos que tinham nariz grande? Bom, meu pai tinha. Valdinéia veio me arrumar pra dança, e eu me sentia como Adela na Festa das Nações. Linda e sempre certa, no horário de se apresentar e brilhar pros outros. Eu não pude assistir. Lembrei então de olhar disfarçadamente pelo espelho e ver se a menina triste me olhava pela janela. A roupa tinha ficado muito bonita e estava na hora. Desci as escadas... as escadas eram imundas e cheia de ratos. Pareciam, os ratos, que eram a única companhia dos meninos do cais. Que não se olhavam. Engraçado, por ironia, o único que procurava



alguém o tempo todo era o menino cego da beira da escada. Era costume dona Linda dar moedas à ele. Ele agradecia com um sorriso e a certeza que poderia algum dia deixar de ser menino do cais. Eu só pensava o tempo todo o quanto triste eu seria se não visse algum dia Adela, e me prometi que dali em diante eu seria feliz. Pelo menos enquanto a dança e aquela roupa, que Adela tanto ia gostar e o menino não poderia ver, estivesse presente na minha vida. Já estava no meio do caminho, quando olhei pra trás e corri em direção ao menino. Sussurrei no ouvido dele como era a minha roupa e dei um beijo nele. O menino sorriu, e a lágrima que eu enxuguei, ele me disse que era um agradecimento. Dali em diante eu percebi que não era uma moeda que fazia ele feliz. Feliz fiquei o tempo todo. Cheguei no 69, e vi diante de mim várias pessoas bebendo, gritando, e me jogaram no palco. Houve um breve silêncio, eu imóvel. Depois foram gritos, eu imóvel, nervoso, meu pai entrando pela porta dos fundos, minha mãe correndo, dona Linda gritando, eu rasgando a roupa, sangue na cara de dona Linda, seu estúpido e um tapa, Adela tão linda, meu braço sendo puxado, Valdinéia me agarrando e meu pai segurado pelas pessoas. Só lembro que eu corri pra casa da cigana. Dona Linda no hospital, e meu pai nunca mais. A cigana estava de cama, parecia doente e me sorriu: “Deu errado, não foi?”. Ela sabia de tudo e eu não podia esconder, me encostei na cama ao lado dela, como fazia com minha mãe, e chorei. Não sei porque, naquela hora só me lembrava do livro que eu tinha roubado. Seria castigo? Valdinéia foi me buscar e dona Linda me pediu desculpa. Eu aceitei. mais uma vez me sentia enganando alguém. Quem devia desculpas era eu. Não tinha adiantado tanto ensaio e os avisos da cigana. Eu era burro. *(Pausa)*. Dona Linda ficou em casa alguns dias, disse que não podia trabalhar com aquele rosto. Eu voltei a visitar Donita. Fui pagar toda dança e as histórias que ela me ensinava. Talvez tivesse sendo mais lucrativo pra mim. Lia de novo minhas histórias, e ainda levava o menino cego pra ouvi-las comigo. Donita disse que aquilo tudo era muito bonito e me chamou de solidário. Por uma letra deixava de ser mais um menino do cais. Donita me explicou o que era solidariedade, e eu vi que solidária era ela, pois me ensinava a dançar e ainda dividia seu leite comigo e com o cego. Ouvíamos histórias. Às vezes eu dançava, enquanto Donita cantava e o ceguinho batia palmas. *(Pausa)*. No dia de comprar remédios, nunca sobrava dinheiro pro leite. Logo depois vinha a menina triste, e com a mesma conversa de sempre, dava mais dinheiro pra ela, se bem, que naquele momento, dinheiro pra gente não era problema. A gente tinha meu livro, a voz de Donita e as moedas do cego. Nós éramos felizes, e sabíamos que, para sempre, só as histórias do livro. Dona Linda já tinha voltado a trabalhar e Valdinéia tomava conta de mim, com medo que meu pai voltasse. E ele só voltou nos jornais. Agora eram os meninos do cais e o gigolô turco morto na prisão. O que seria gigolô, e como havia sido morto, o ceguinho me contou depois. Percebi que ele também sabia histórias, e passamos a revezar, eu, ele e Donita, as histórias pra contar. *(Pausa)*. O que passava a me incomodar era que só eu repetia sempre as mesmas histórias, as que estavam nos livros. Também só eu podia ler. Não era grande vantagem no cais, e passei a ficar em casa, desde esse dia, somente ensaiando para a menina triste da janela, e tentar criar uma história pra contar pra eles. Minha cabeça fervia e não saía nada. Só me vinham as histórias do livro, até que um dia Donita, cortando o silêncio da pausa pro leite, disse que todas as histórias sempre vinham da gente, não importando se eram livros, lendas ou desejos. Naquele dia então resolvi contar a história da minha vida, tinha finalmente conseguido buscar mais distante, o que era pra mim passado, e nas mãos da cigana, o futuro. “Quando você não tiver como ir em frente, olhe pra trás”, ela disse e eu contei. Vi que todos nós éramos aquilo que queríamos, e vi que ter histórias e um copo de leite, era o suficiente pra ser feliz. Pelo menos antes que

a história terminasse. Antes que essa história terminasse, e os remédios também. Olhava então, pela primeira vez, o relógio que Donita tinha na parede. Percebia o quanto o tempo passava à medida que minhas histórias ficavam. Lembro que falei de minha mãe, da festa e de Adela, é claro. Disse exatamente como ela havia se vestido pra festa, e o quanto era bela. Daí não passei. Descobri que éramos fortes mas não éramos pedra. Parei a história e o ceguinho, somente pela segunda vez chorou. Outra lágrima e um suspiro. Ele tinha acabado de ver de novo, assim como no dia da minha apresentação, com todos os detalhes, que a vida poderia ser colorida, além da escuridão que o cercava. O resto da noite foi o silêncio, e a despedida da gente. Olhei pro relógio, e percebi quantas horas gastávamos com os outros, enquanto esquecíamos da gente. Donita já não tomava o remédio fazia uma semana, e cada dia estava pior. Naquele dia, o silêncio só era cortado pela sua tosse e um escarro de sangue. Mesmo assim, com toda falta de música, eu dançava dentro de mim, e sentia que Donita cantava ao som das palmas do cego. Ela mais que a gente, sabia como seria o amanhã, e a despedida daquele dia foi só ela cantando, sem palma e sem dança, uma música lenta e dolorosa. Não sei porque, ela não conseguiu terminar, soluçou e me disse: “Leve o ceguinho, mas vá pela luz”. (*Pausa*). No outro dia, pela manhã, enquanto não conseguia dançar, dona Linda me disse que sairíamos daquele porto imundo e a campainha tocou. Era a menina triste, com o relógio de Donita. “Minha mãe mandou te entregar”, ela disse; e saiu. Não deu tempo, e nem tive coragem de mostrar a dança e entender o que estava acontecendo. Parei um minuto, depois descí as escadas correndo. O ceguinho chorava pela terceira e última vez. Eu ia embora, e a luz da ambulância me confirmou todo o resto. Fui arrumar minhas coisas, enquanto via no espelho, pela última vez, a menina mais triste que eu havia conhecido. Descí as escadas, deixei o livro com o cego e fui embora, pra sempre, sem olhar pra trás. Tenho certeza que o cego ainda lembra das histórias, e a menina triste ainda me olha ensaiando. O relógio está me confirmando as horas, é tempo de dançar!

### CAI O PANO

Salvador, 24 de janeiro de 1998

MONÓLOGO 3 (SEM TÍTULO)

Preciso me arrumar! *(Pausa)*. Ah, sim, não posso me esquecer... *(Pausa)*. Bom, mas ele era assim mesmo. *(Ri)*. Pegou em minhas coxas e tudo. *(Pausa)*. Meus pais me adoravam, lembro bem que eu era a alegria da casa, ele só não quis ficar comigo, mas tudo bem, um dia ele ficaria... *(Ri)*. Quando vi que não ia mais morar na minha casa nem precisei me despedir, pois foram todos juntos, minha mãe, meu pai.... meu primo não foi, bom, mas ele era assim mesmo. *(Pausa)*. Não posso esquecer de fechar a porta do armário, minha mãe sempre odiou que eu deixasse aberta. Meu pai não ligava, e ele - meu primo - podia passar a mão nas coxas de todo mundo. Não posso esquecer de fechar a porta do armário e a janela da sala. Cidade pequena não tinha mais sossego, e buzina de carro me lembrava praia. Todo domingo. Ele chegava e... ah, sim, tinha a irmã dele. Era bom ser filha única porque eu só tinha irmã quando queria. Tinha feito um trato com ela de sermos irmãs até a morte. *(Pausa)*. Preciso organizar melhor meu pensamento, não é? Vou falar dela agora. Sim, minha prima... *(Pausa)*. Não vou falar de meus pais não, já falei um bocado. *(Pausa)*. Ah! Não falei não? Meus pais mereceriam dias de lembrança, só que eu não os conheci. Tinha ido cedo pra casa de minha tia. Só os reconheci depois que a porta se abriu. Ele, não. Eu reconhecia pelo cheiro. Adoro cheiro de flores! Lembrava o quintal de minha mãe. O quintal de minha mãe tinha um... ah, lembrei do cachorro, o nome dele era... *(Pausa)*. Que saco, não aguento mais esperar, vou aproveitar e contar a história de minha prima. Já falei dela? A do pacto de sangue!? Ô coisa nojenta é sangue. Ela foi minha prima só até aquele dia. Era o aniversário dele, o dia que minha mãe comprou o presente que eu escolhi. O cachorro latiu bastante naquele domingo. A praia seria boa. *(Pausa)*. Lembro que eu caí. Ô coisa nojenta era sangue e não pude ir pro aniversário dele. Minha prima lembrou do pacto. Ele poderia ser irmão de todas as minhas primas. “Seu primo te leva na escola”, e eu adorava o cheiro das flores. Quando minha mãe voltou do aniversário eu tinha comido todas. Não todas do quintal, mas quantas eu podia. Só fazia cocô, no outro dia, mas neste dia foi pior. Me escondi atrás do armário, depois dentro dele, depois de todo mundo. Apanhei e vi que minha mãe não era santa. *(Ri)*. O pior foi meu pai, que assistiu como santo. Eu, era o demônio. “Bom nome pro cachorro”! Meu primo dava o cão e o nome, me levava pra escola e eu nunca tinha visto ele com a camisa que eu tinha dado. Ufa, falei demais. Por isso tomei outro tapa na boca. Só por isso. “Quem fala demais morde a língua”. Meu primo gostava mais de conversar com minha mãe do que comigo, “mas é claro, ele já é um rapaz”. *(Pausa)*. Não sei porquê meu pai era velho. Babava, arrotava na mesa e batia em minha mãe. Bem feito, era minha vingança. Não que eu não gostasse de minha mãe, mas odiava apanhar. *(Pausa)*. Estava chegando minha festa de quinze anos, e meu primo estrearia a camisa. Quem me disse? Eu estou dizendo. *(Pausa)*. Lembro que no dia de praia todos bebiam. Menos as crianças, é claro. Mas eu não era mais criança. Minha mãe não tinha entendido isso ainda, e só quem percebia era meu primo. Não sei bem se percebia ou eu me fazia perceber, só sei que na praia ele me olhava, pelo menos na praia, com os olhos de desejo que olhava pra todas as primas. Ele só parou de olhar quando começou o namoro com Ritinha - minha prima. Foi só uma semana. Ninguém gostou na família, mas o cachorro era lindo! Meu pai confundia demônio com diabo, mas na hora de chamar minha

mãe, pra qualquer coisa que fosse, eu era a reserva e não podia brincar. Tudo bem, adorava meu velho pai. Minha mãe, não. Só sentava na mesa depois de tudo posto. E não queria minha ajuda. Eu era muito nova pra tudo, menos pra cuidar de meu pai quando ela não estava. *(Pausa)*. Todas as minhas primas tinham feito quinze anos, meu pai estava doente e na última festa eu tinha apanhado só por vestir uma roupa de minha mãe que nem dava mais nela. *(Pausa)*. Quanto mais perto dos quinze anos eu ficava, menos eu podia ficar com meu primo, e mais com minha prima. Lembro bem que meu peito já tinha nascido, e tinha vergonha dos cabelinhos que nasciam na xereca. Me sentia culpada pelo olhar de minha mãe na primeira menstruação. Foi cedo... *(Pausa)*. Foi bastante cedo quando minha mãe me levantou pra ir à praia. Era moda os biquínis asa delta, só que eu não podia ter pois era criança ainda. Minhas primas todas lindas de biquíni, meu primo olhando pra elas e um mal-estar de minha mãe acabou com a praia. Aquele dia foi chato. Todo mundo passou mal. Eu era a melhor no vôlei, apesar de ser pequena. “Brincadeira de moleque!”. com quem eu ficaria? Conversa de mocinha eu não podia entrar, a curiosidade foi pior. Lembro que um “mostra aí”, “pega aqui”, risos e já estava tarde, me deixaram dormir na casa de minha irmã. Lembra, a do sangue!? Sabe como foi o pacto? A porta bateu e meu primo tinha chegado tarde. Namoradinhas. O cão avisou, ele sempre avisa. Lá em casa ninguém ouvia. Só eu. Prometíamos ser irmãs até a morte. “A morte de quem?”. Foi a pergunta de meu pai quando minha mãe saiu de preto. Amiga de minha mãe morria sempre, e seus vestidos pretos eram lindos. Como o da festa, que eu apanhei. Doeu, mas tinha sido boa a noite. Ouvi meu primo chegando e deu pra ver seu último beijo na namorada. Se é que aquilo era um beijo, e não sabia com quem brincar, as conversas de mocinha eu tinha com minha irmã, minha prima, meu primo entrou em casa e o cachorro parou de latir. Que coisa nojenta era sangue, e tinha ficado menstruada na casa de minha prima. De noite. “Podia ter ligado de noite e avisado a gente”. Meu pai dizia que eu já era uma mocinha e irritava mais minha mãe. Meu pai tinha ficado doente e triste, mais de repente do que velho. *(Pausa)*. Eu também entristeci. Não fui pra praia, fiquei com meu pai e não tinha o que fazer. Fui tomar banho de mangueira e meu biquíni ficou molhado, praia só na semana que vem, e minha mãe chegava alegre. *(Pausa)*. Bom mesmo era quando minha tia viajava e eu podia ficar sozinha com minha prima. “Deixou a porta do armário aberta”! Não! “Não me responda!”, e eu não podia curtir aquele final de semana na casa de minha prima. Lembro que a cama de meu pai era enorme, mas só cabia ele na minha cabeça. Nunca tinha visto minha mãe deitada na cama, até que... *(Pausa)*. No primeiro dia que eu roubei o batom de minha mãe, aproveitei e abri a “nunca abra” gaveta de meu pai. Não tinha nada a ver o batom com aquela arma. Ainda bem que eu fechei a gaveta, pois o armário era sempre um motivo pra eu apanhar. *(Pausa)*. Foi burrice colocar o batom de minha mãe pra ir à praia. Meu primo achou lindo e eu apanhei de novo. Tinha que ficar mais uma vez com meu pai, doente e velho, um ex-militar aposentado, nada a ver a arma e o batom, mas os dois apontaram pra mim algum desejo. Queria ir à praia. *(Pausa)*. Mais um ano de vida, muitas felicidades, “é big” e meu primo sem a camisa, meu pai mais velho e mais triste e meu primo sem a camisa. Tudo bem, a gente combina depois, e mais uma vez dormia, ficava até tarde e via os beijos, as mãos de meu primo e o cão avisando. Bronca já era costume, e eu queria mais que um beijo, meu pai chamava minha mãe de amor e ela saía de casa. Meu pai podia até ficar triste, mas a volta de minha mãe todo dia lhe alegrava. O pacto de sangue funcionava agora, e roubávamos, eu e minha prima, o batom de minha mãe. Conversávamos na cama de meu pai e ele quietinho só despertava do cochilo com o latido do cão e “Sua mãe já chegou?”, não, íamos até a sala sem ter o que fazer e voltávamos felizes, ficávamos com

meu pai, e não mais cuidava dele sozinha. *(Pausa)*. Minha tia nunca mais tinha viajado. Lembro que quando eu ia na casa dela brincava de me esconder. Quase sempre nos armários. A casa dela era cheia de armários, e era sempre a casa dos esconderijos. Lembro também que escondemos o batom de minha mãe em cima de um deles, até o dia que ela ia sair, procurou justamente este, apanhei e não resolvi nada, não estava comigo, e um pacto de sangue era mais que um respeito por tia, minha prima rindo na grande cama de meu pai, e minha irmã era o pacto até a morte. *(Pausa)*. Minha tia ia viajar, passar bom tempo fora. Eu doida pra ficar em sua casa, meu pai doente, mais uma vez minha prima comigo na cama, as duas de batom e no cochilo de meu pai eu mostraria a arma. Minha mãe ia sair mais uma vez. Meu pai essa época dormia mais que tudo e não enxergava quase nada. Combinamos ir pra casa de minha prima, a casa vazia, e fazer o que quiséssemos. Lembro que tínhamos mais planos que armários e eu queria tirar o cheiro de mofo da camisa. Lembro também que íamos experimentar roupas pra mais nova mocinha da família, eu, quinze anos quase, peito, bunda, pentelho e repreensões de minha mãe. “Já está com corpo de mulher” me fez usar maiô, por ordem de minha mãe, e mostraria minha barriga branca pra minha prima naquele dia. Meu pai roncou e fomos. Meu único medo era encontrar com meu primo. *(Pausa)*. Lembro que no primeiro ronco deixei meu pai, no segundo bati a porta e no terceiro devia estar com a chave na mão, a porta nunca fazia barulho, minha prima alisando o cachorro, eu correndo na ponta dos pés, “ninguém pode ver, nem ele” e entramos na casa. A namoradinha viajando deixava a grande possibilidade de meu primo estar em casa, mas os gemidos confundiram tudo. Não sabíamos o que fazer. Eu adorava os beijos e mãos de meu primo, mas o pacto não tinha revelado isso à ela. Como dizer. Foi excitante? Minha prima me chamou e estávamos perto da porta. “Você já é uma mocinha” e apertou meu seio em sua mão. “Venha ver”. Sorri. “Já viu algum homem nu?”. O riso diminuiu. “Um pinto duro?... nem mole?”, no canto da boca deixei transparecer o que estava vendo, e a mão de minha prima foram do meu seio pra sua boca. Um vestido preto na cadeira. O cão latiu. Meu pai deve ter acordado e fugimos de minha mãe, meu primo e da lembrança. Adiantaria pouco a fuga, e muito menos a mentira. Mas contar pra quem? As mãos de meu primo suadas, as costas de minha mãe mexendo e um sorriso em seus cabelos, que mexiam, mexiam, mexiam, mexiam... o vestido preto... só vesti uma vez um vestido preto e estava sujo, apertado, e meus seios nunca haviam balançado como os de minha mãe. *(Pausa)*. Meu primo nunca mais tinha ido lá em casa. Festa agora só no meu aniversário. Minha tia voltava de viagem com a notícia de outra, o cão latiu, meu pai acordou de um pesadelo e minha mãe tinha acabado de chegar em casa, toda de preto, pra consolá-lo. “Morreu mais alguém?” perguntou ele, e minha mãe acariciava ele bem mansa. *(Pausa)*. Nossos segredos eram agora parte do nosso pacto. Até a morte. Só conversávamos dentro dos armários e meu pai na cama, roncando. O barulho da chave na porta fez a gente sair correndo, deixando a porta do armário aberta e o joelho de minha prima sangrando. Que coisa nojenta era sangue. Minha mãe brigou com nós duas, contou pra minha tia e ela ia viajar de novo. Ficava cada vez mais longe meu aniversário e eu não poderia brincar mais com minha prima, naquela viagem de minha tia que meu pai, cada vez mais velho, doente e triste, quando não via minha mãe, ficava cada vez mais longe de mim em sua imensa cama. Eu esperei minha mãe sair. Era uma dificuldade cada ronco de meu pai. O cão latiu na saída de minha mãe. Não queria que minha prima visse o meu pai e nem eu queria ver as mãos de meu primo. Mas alguma coisa eu ia fazer. Lembra do pacto de minha irmã? Ela mesmo! Não falei dela não? A do pacto de sangue!? Ela deixou, naquele dia, a chave da porta comigo, e levou o cachorro pra passear. Deixei meu pai indo tão distante na cama, que tive

a impressão que nunca mais ia ouvir ele roncar. Ao sair de casa, o cão latiu e ele nunca mais roncou. Corri na ponta dos pés, que nem naquele dia, deixei em casa tudo aberto. Minha prima devia ter ido pra bem longe com o cachorro, só via a chave rodando, a porta nunca fazia barulho, e entrei. Os mesmos gemidos de antes, lembrei das mãos, minha mãe batendo, o carinho de minha prima, as mãos suadas de meu primo, e deixei minha mãe num daqueles armários. Meu primo não, tratei dele como devia. Encostei ele na cama, vesti a camisa que minha prima tinha lavado, passado e o pacto era pra sempre, até a morte. Sem cheiro de mofo, adorava o cheiro das flores, o quintal de minha mãe e o nome do cachorro era... ele já deve estar chegando. Preciso me arrumar!

### CAIO PANO

Salvador, 12 de fevereiro de 1998

MONÓLOGO 4 (SEM TÍTULO)

(Homem sentado em uma mesa com um papel à sua frente. Ele lê atentamente este papel) “...Até algum dia”. (Ri). Algum dia, essa é boa. Ficaria muito melhor um até nunca mais. Soaria mais verdadeiro. Como nossa música, lembra? Sei que você odeia música, mas não custava nada uma dose de romantismo. (Pausa). Lembro que naquele dia minha mãe me obrigou a tomar sopa. Usou o mesmo argumento de sempre; “É só porquê seu pai morreu...”, e eu não suportava futebol, meus colegas marcavam pra assistir e eu nunca ia. Na casa de Pedro era diferente. Tinha sua mãe e sua irmã que me tratavam muito bem, e Pedro era gente-fina. Era então São João, e minha família ia viajar em peso para o interior. Eu tinha prova e a sopa tinha esfriado, a última colher de xarope e um “Fique direito com sua tia” me faziam voltar a casa de Pedro. (Pausa). Ficava a maior parte do tempo com ele. Minha tia era velha e chata, só que me adorava. Não tinha filhos, e Pedro era motivo de inveja. (Pausa). “Não dá mais pra continuar” era o pior adeus que se podia dar a uma pessoa; acho eu, pelo menos, pois foi também o único verdadeiro adeus de minha vida. Até agora, pelo menos. (Pausa). Pedro era mais velho que eu e a gripe também fazia com que minha tia proibisse o que eu acabara de fazer. Fugir de sua casa era simples, a chave ficava atrás do jarro, e minha mãe era irmã dela. (Pausa). Pedro era alto, bonito e forte; pelo menos pra mim, e me chamava pra olhar a lua, pelo menos pra mim. Era impressionante a confiança que minha mãe tinha em mim, e Pedro me deu um beijo. Era tarde quando minha tia me acordou, minha mãe vinha me buscar e conheci você. Era fácil não lembrar que minha mãe me apresentou você, eu já tinha me apresentado com os olhos. Adorava xingar a bichinha do sétimo andar e minhas mãos suavam ao apertar a sua. Estranho mesmo era não gostar da irmã de Pedro. Estranho era, pois depois da lua não vi nem ela nem minha tia velha e morta desde então. Outra morte sem despedida e só você me dizendo “...Até algum dia”. (Ri). Algum dia, essa é boa. Ficaria muito melhor um até nunca mais. Soaria mais verdadeiro. “Mais verdadeiro e mais verdadeiro”, minha mãe me dava um tapa e eu prometia não mais mentir. Parei assim como você, (ri), não é? Aliás, mentir nunca foi do seu feitio, dizia verdades demais. Talvez por isso não tenha dito um reconfortante eu te amo. Era o que eu precisava dizer pra Pedro ou pra lua, por aquele momento. (Pega o papel e volta a ler). “Sua mãe nunca gostou de mim...”, mas é claro! Como ela iria gostar do homem que me fez filho, pai, mãe e mulher, principalmente mulher, pois mãe ela deixaria de ser algum dia, mas pra ela, a mulher ficaria na minha cabeça como única e perfeita. Respeite seu pai eu não ouvia mais, era pior agora. “Se seu pai estivesse aqui você não faria isso”, ela me dominava com chantagem, vivíamos a perfeita relação mãe e filho. Vivíamos até que ela descobriu que ia me perder pra outro homem. Ela nunca soube de Pedro, minha tia estava morta e eu não veria mais ele. Tentei um dia, de ônibus, ir até sua casa, mas as pernas me tremeram e eu já te conhecia. O resto da noite foi a vontade de olhar a lua, seus olhos e a boca de Pedro. (Pausa). Minha mãe tinha acabado de me acordar, olhei o sol, a certeza do dia e fui ao seu encontro. Lembrei de ter sido apresentado à uma pessoa que eu não sabia de onde vinha. Voltei pra casa com o pão e uma bronca de minha mãe. No meio do café a campainha tocou, você já estava interessado em mim... minha mãe outra vez me apresentou à você, só que agora era o vizinho do 29. Tinha ficado mais fácil a distância e mais difícil o começo. Era pra ser difícil, pois você me convidou pra ir em sua casa e minha mãe adorou a idéia, disse que eu não me enturmava, não gostava de futebol, e, ha! Lembro bem que você disse: “Também

detesto”, esporte bruto, não foi? Bem, só me importava a sua delicadeza, “como é que foi com seu amigo”, nada tinha acontecido, o maior respeito, foi legal, ele me mostrou uns livros de informática. Saía do futebol para o computador. Merda! *(Pausa)*. Mas tudo bem, ser exigente era fácil quando se é sozinho e não se precisa de alguém. *(Pausa)*. Fui dormir pensando no que poderia ter acontecido se eu beijasse ele, ele caiu no sofá, eu por cima dele, e no terceiro dia deixava pra trás todas as dúvidas à respeito de mim. Se fui bem, não sei, mas que foi bom, foi... minha mãe então estranhava eu sempre indo pra sua casa e me perguntou certo dia: “Drogas”, eu ri, dei um beijo nela e disse, pra você talvez. Ela não entendeu, e fiquei sem entender as lições de computador enquanto você me beijava com os olhos. *(Pausa)*. Seus olhos, sempre falo neles sem nunca olhá-los direito. Sempre fui assim, aprendi com minha mãe. Ela descobria logo o que eu estava sentindo, e não queira que você soubesse o quanto estava apaixonado, palavra forte, dizia minha mãe ao ver a novela, e completava perguntando quando eu ficaria. O que ela mais queria era ter netos e eu querendo o neto dos outros... *(Pausa)*. Ter humor é um dom, dizia minha mãe, dom esse que eu tinha perdido, sorumbático pela casa. Que palavra feia, não é? *(Pausa)*. Minha mãe perguntava sobre progressos nas aulas de computação e eu dizia, não era aula, só aprendia bobagens, jogos, brincadeiras que você fazia por entre minhas pernas e que me deixava todo suado, lembra!? Ser tímido tem suas vantagens, mas fui eu quem te agarrei. Você sabia tanto de minha pessoa, e quando eu estava com você nem eu sabia de mim. Isso é piegas mas é verdade. *(Pega o papel e lê)*. “Estou me mudando”. Lembra que você mentiu pra mim, pelo menos por três horas, tempo do caminhão chegar. Tão pouco tempo e já ia embora. Minhas noites voltavam a ser lua, quando tinha, e sua o tempo todo. Você ainda não sabia de Pedro e tinha ido embora. *(Pausa)*. Minha mãe me deu um beijo desejando boa sorte. Servir ao exército era estranho até chegar no quartel. Caso foi o que não faltou, quando não estava na solitária. Tinha me tornado homem e não podia voltar pra minha mãe. Servi ao exército e me mudei de casa, com economias minhas e um emprego qualquer, arranjado por minha mãe, e veja, recriminado por ela. Minha mãe passaria a viver sozinha quando a campainha tocou, era você com flores. Sacanagem, a estabilidade me servia de perdição, minha vida se arrumava pra você entrar nela e se aproveitar de mim. Foi só o que você fez. Quando então descobri o que você fazia da vida, já não tinha mais sentido me afastar, bem verdade não conseguiria. “Nosso ex-vizinho morando com você”, minha mãe não era besta e se fazia de desentendida. Desaprovou e veio cumprimentá-lo, visitando pela primeira vez essa casa. *(Pausa, lê o papel)*. “Não sabia de Pedro”. Confiança? Isso não era questão de confiança, era intimidade. *(Lê o papel)*. “Mais intimidade que a gente tinha?!” Ah, por favor, você já sabia de tudo e não precisava drama. Só me arrependo de não ter contado antes pois a partir daquele dia tudo era motivo pra Pedro e conte mais e não foi só aquilo, de vez em quando. *(Pausa)*. Minha mãe deixou de me visitar depois que você veio. Reclamava de solidão e só eu fiquei, naquele dia em que você me deixou esperando e só voltou depois de uma semana sem trabalho e saudade. Foi o primeiro aviso. Aquele infarto me mostrava muita coisa. Fiquei na sala de espera sozinho, olhando uma foto de minha mãe na carteira, você longe e um “Ela é bastante forte, foi só um susto”. O maior susto foi ver Pedro e sua irmã no hospital, ambos desconsolados com a morte da mãe. Outra despedida sem adeus. Pelo menos minha mãe não tinha ido, pensei no bar em frente ao hospital, já relaxado e frente à duas pessoas que me marcaram profundamente, me apaixonei, uma recaída, e acordei no outro dia numa cama larga, a irmã de Pedro ao meu lado e a foto de minha mãe na mão. Me vesti apressado, preocupado com aquele que pouco ligava pra mim... talvez por isso! Bem, a irmã de Pedro acordou a tempo de se despedir e me dar outro



beijo. Fiquei mais um pouco, minha mãe já estava em casa e você não dormira na minha. Nossa? Já não lhe bastava eu ser totalmente seu? (*Pausa*). Durante uma semana saímos separados, eu encontrando a irmã de Pedro e você se perdendo na vida. (*Pausa*). Você ia viajar, mais uma de suas sumidas, e aproveitei pra ficar na casa de minha mãe. Reparei no quadro de meu pai como nunca havia reparado. Ele parecia me repreender com aquela cara de sério que sempre teve. “Isso é que era homem”, minha mãe batia no meu peito, já totalmente recuperada, “Como está seu amigo”, acho que até demais. Foi estranho a campainha tocar. Fui atender achando que a viagem tinha se encurtado, e me surgiu um senhor de boa aparência, perguntei o que ele queria e um beijo de minha mãe respondeu. Sentia agora o mesmo que ela, ao me perder pra outro homem. Seria uma relação maravilhosa, a nossa, se não houvessem homens, desde meu pai, atrapalhando. Agüentei o intruso uma semana até o outro, você, vir me buscar. Confesso que foi romântico, apesar de não ser costume. Botou uma música no carro que eu não sabia como tinha comprado e bem, também não queria saber, só me restava algumas horas antes do sono. (*Pausa*). Foi uma retomada na minha vida, essa semana que eu passei com minha mãe. Fui tratado bem pelo seu namorado, apesar de sua aparente falsidade, e minha mãe tinha tratado você bem. Ela só errou quando falou de Pedro. De novo a mesma crise, gritos, ciúmes idiotas e o telefone tocando. Atendi, era Pedro. O “liga depois” não deu pra disfarçar, foram mais gritos e um “não sei quando volto” e a porta batendo. Pensei em ligar pra minha mãe, mas ele tinha quebrado o telefone de raiva. O jeito era olhar a lua. Nova. O céu escuro. Somente a luz do abajur me iluminava. (*Lê*). “Parto. Pensei em ficar mas não podia”. Parto, parto... parto... lembrei de minha mãe e peguei um táxi até sua casa. Ninguém. Deve ter ido jantar fora, um infarto fulminante, eu de novo no hospital, sem Pedro, sua irmã, sozinho chorando e você na rua. Perdi a única pessoa que me respeitava. Era o suficiente. Alguns dias depois tudo voltaria ao normal. Pensava eu, pelo menos. Você voltou, como sempre, ou como sempre deveria ter voltado. Acho que meu ódio era tão grande que beirava o amor, vendo você ali, indefeso do outro dia, pálido de todo dia, triste de toda a vida. Sempre quis saber o porquê de você ser assim triste. Não conhecia sua família. Era sozinho. Talvez a homossexualidade o perturbasse. O dia mais triste da minha vida, passei curando a sua depressão. Isso era amor? Você nem sabia de minha mãe e sorriu no segundo carinho. Deixei tudo pra lá, ou tentei, e fomos dormir. Chorei a noite, sozinho, chorei a lua, sozinho, e me vi cercado de solidão com você ao meu lado. Acordamos com o telefone, não podia ser Pedro e era. Resolvi não disfarçar. Meu coração bateu mais rápido, sem no entanto imaginar porquê ele continuaria assim depois. A irmã de Pedro estava grávida e o filho era meu. Engraçado que nesse dia você nem reagiu, foi na cozinha pegar um copo de água e trouxe outro pra mim. Não conseguia entender; uma mulher, um filho, uma traição e um copo de água?! (*Pausa*). Nesse dia você estava tranquilo. Mesmo depois da notícia, continuou calmo e tomou café da manhã comigo. Disse-me então que ia sair e voltava logo. Estava calmo mas também triste, cabisbaixo. Realmente você não demorou. (*Pausa, lê*). “Gostava à minha maneira, se era boa ou ruim, eu gostava”. Nem um amavazinho!? Lembro como você olhou disfarçadamente pros meus olhos... minha timidez às vezes ajudava. Sempre dizia isso. Pena que eu perdi o meu humor. “Ter humor é um dom”. E você, mãe, que teve o dom de amar!? As coisas aconteciam comigo numa avalanche. Aquele pouco tempo que eu passei te esperando, me fez rever muita coisa. De repente eu era pai, órfão, e de repente eu não era nada. O que eu tinha construído? Uma gravidez? Eu morava no meu apartamentozinho, com outro homem, meu namorado, minha mãe tinha tido um ataque fulminante e eu era pai. Como eu seria pai? Ser pai era ter autoridade e a porta batendo revelava sua chegada. Me

entregou um envelope e sumiu não sei pra onde. (*Lê*). “...Até algum dia. Não dá mais pra continuar. Sua mãe nunca gostou de mim. Não sabia de Pedro. Mais intimidade que a gente tinha?! Parto. Pensei em ficar mas não podia. Gostava à minha maneira, se era boa ou ruim, eu gostava”. Nada original suas palavras. Pensa que eu não vou te esquecer por elas? De jeito nenhum. Outras lembranças virão, melhores ou piores que elas, e talvez menos verdadeiras. Eu tinha mentido pra minha mãe. Eu era gay. Meu primeiro relacionamento foi um beijo em Pedro, vizinho da minha tia. O trai com sua irmã, anos depois. Quem eu fui? Quem sou eu agora? Um mentiroso? Você não sabia de Pedro porquê eu tinha medo de contar. Sempre invejei sua coragem. As noites de lua eu olhava pro céu e lembrava de Pedro, um amor inocente, se é que eu posso dizer que amei. Agora que você não está aqui eu posso dizer. Eu não soube amar talvez quem merecesse. Mas agora eu seria pai. (*Ri*). Posso ter sido fraco, mesmo em sua despedida, a única despedida que eu tive. Um adeus. Mas eu poderia ficar forte. Você foi fraco. Cortar os pulsos na banheira. Sem originalidade nenhuma. Dizer adeus e cortar os pulsos. Os outros não me disseram adeus. Acho que nem eu direi. Foi pouco nosso tempo, e eu não sei como será o meu. Eram dois envelopes. Um aberto, como seus pulsos, o outro, fechado, você me deu. Deixar uma semente estragada na terra. Nessas horas a gente até vira poeta, e essa merda que deu positivo... (*Pega o papel e joga no chão*).

#### CAI O PANO

Salvador, 7 de fevereiro de 1998